

TIPOS DE MENTE

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma resenha do livro “Tipos de Mente - Rumo a uma compreensão da Consciência”, de Daniel C. Dennett.

No livro Dennett procura adicionar gradualmente elementos à receita de produzir uma mente e assim encontrar uma fronteira delimitadora entre os possuidores e os não possuidores de mente.

Propõe um modelo de evolução dos organismos de tipo simples de aprendizado baseado no **A**ssociacionismo (Hume), **B**haviorismo (Skinner), **C**onexionismo (Hebb) por ele denominado de *modelo de aprendizado ABC*.

Também propõe uma estrutura na qual estariam colocadas várias opções de projetos para os cérebros, procurando descobrir onde se originaria a consciência. Ele denominou esta estrutura de *Torre de Gerar e Testar*. Essa Torre está composta por vários andares que marcariam os avanços importantes no poder cognitivo dos organismos.

Dennett defende a ideia de que os humanos seriam descendentes e compostos por robôs auto-replicantes e que no futuro, seria possível a construção de robôs conscientes.

Discute as questões da sensibilidade e da intencionalidade, bem como, a *senciência*, a qual talvez levasse a uma distinção entre os *simples sistemas intencionais* das *mentes genuínas*.

Finalmente, Dennett procura discutir a relação existente, ou não, entre a dor, o sofrimento e a consciência.

1. TIPOS DE MENTES

Dennett começa sugerindo que podem existir outros tipos de mentes como as humanas. Portanto, poderiam existir seres não-humanos, cujas mentes seriam parecidas com as dos humanos.

O problema estaria na delimitação da fronteira da classe dos que possuem mentes. A ética vê na superatribuição uma forma de se resguardar. Já, a ciência impõe o ônus da prova para a atribuição de mente. A ciência parte do princípio da “hipótese nula”, isto é, a mente não está presente, até que se prove contrariamente.

Só se poderia denominar de mente alguma coisa que seja parecida com a mente humana, de outra forma não se poderia chamar de uma mente.

Dois indivíduos não poderiam conhecer uma *mesma* mente a partir do seu interior. Assim, um agente só poderia conhecer, a partir do seu interior, a sua própria mente. A mente seria a única coisa, cujo conhecimento seria de primeira pessoa.

Quando dois indivíduos dialogam entre si, eles incluiriam a palavras “nós”, ambos possuidores de mente. Infere-se assim, que o solipsismo seria falso, pois, existe uma companhia também possuidora de mente.

Parece que a chave, para saber que se tem uma mente, estaria no entendimento de palavras e ter a atenção despertada pelo pronome “você”. Pois, *“qualquer um que possa entender minhas palavras tem sua atenção despertada pelo pronome “você”, e apenas coisas com mente podem entendê-lo”*. Os computadores podem ler livros, mas seria uma leitura cega, sem o entendimento das palavras.

Os humanos seriam os únicos a compartilharem um mundo subjetivo e com habilidade de comunicação acima *“de quaisquer outras criaturas do planeta, pois podemos falar uns com os outros”*. Os animais poderiam talvez comunicar-se instintivamente e os organismos mais simples estariam sintonizados com seus ambientes, porém, não teriam consciência dessa sintonia.

Efetivamente os humanos, seria a única espécie que consegue aglutinar sons destituídos de significado (ba, la, ra, etc.) e formar palavras com significado. Mas, vale lembrar que os chimpanzés também vocalizam, mais ou menos, o mesmo número de monossilábicos que os humanos, porém, cada um deles com significado próprio. (William H. Calvin, 1998).

A fala não seria um requisito necessário para se possuir mente, assim poderia haver animais não-humano possuidores de mente, mas, *“não poderiam nos contar o que estão pensando”* por não possuir nenhuma capacidade linguística.

A linguagem seria assim, a única forma de se conhecer outras mentes não-humanas e aquela não estaria na complexidade organizacional destas. Mas, isto não seria uma limitação daquelas mentes, seria somente uma limitação do conhecimento humano. *“Essas mentes podem diferir das mentes daqueles que podem entender uma conversação, mas certamente elas são mentes”*.

Como os humanos fazem muitas coisas inteligentes automaticamente, então outra possibilidade seria a de que, *“entre as criaturas que não têm linguagem, algumas não possuem mentes de modo algum, mas fazem tudo ‘automaticamente’ ou ‘inconscientemente”*.

Decorre daí, dois fatos aparentemente incognoscíveis: *“fatos sobre o que está acontecendo com aqueles que possuem mentes, mas não uma maneira de verbalizar seus pensamentos e fatos sobre que criaturas possuem mentes”*.

A intuição humana não seria um parâmetro confiável para delimitar os possuidores e os não-possuidores de mente. Pois, o ser humano poderia ser enganado até mesmo por um robô. Como por exemplo, o robô Cog. O Cog é um robô como outro qualquer, mas o seu *“projeto é tão diferente, tão mais parecido com o projeto de um ser humano, que o Cog pode algum dia se tornar o primeiro robô consciente do mundo”*.

Dennett defende a ideia de que seria possível, em princípio, se construir um robô consciente, sendo o que projeto do Cog tem este objetivo para o futuro.

De tudo isso o que se pode inferir é a *“certeza moral (que é tudo o que importa) que algumas coisas possuem mentes e outras não”*.

2. INTECIONALIDADE

As macromoléculas não possuiriam uma intencionalidade, mas o surpreendente nelas é a capacidade de *auto-replicação*. Elas já nasceriam com uma complexidade suficiente para realizar auto-replicação. Funcionariam como máquinas auto-replicante, seriam verdadeiros robôs naturais.

Dessa forma, os humanos não seriam só descendentes, mas também composto por esses robôs auto-replicantes. As moléculas de hemoglobina, anticorpos, neurônios, sistema reflexo vestibular, inclusive o cérebro, *“seria composto de máquinas que realizam cegamente uma tarefa maravilhosa, excelentemente projetada”*.

Pela descendência de robôs, não se poderia inferir que os humanos sejam robôs. Dennett justifica que, *“somos descendentes de peixes e não somos peixes. Somos descendentes de bactérias e não somos bactérias. Mas, somos constituídos por robôs, por trilhões de máquinas macrocelulares”*. Dessa conclusão, poder-se-ia inferir, dando sustentação à sua idéia, que robôs, ou compostos por robôs, poderiam ter uma consciência genuína.

Dennett resgata o pensamento aristotélico de alma vegetativa ao afirmar que todos os seres vivos teriam uma alma nutritiva, a qual seria mais antiga e muito diferente de um sistema nervoso. Seria o *“princípio de organização auto-reguladora e auto-protetora do corpo”*. Ela não seria em absoluto uma mente, seria apenas um sistema de controle, similar à alma nutritiva de um vegetal.

A alma nutritiva consistiria nos sistemas metabólico, imunológico, de auto-reparo e manutenção da saúde do corpo. Seria *como se* essas células e conjuntos de células fossem agentes diminutos dotados de uma mente simples. Seriam como pequenos comutadores e os seus efeitos seriam o de ligados ou desligados e *como* ações intencionais. Estas entidades incluiriam todos os objetos naturais e muitos artefatos humanos. Os termostatos seriam exemplos desses pseudos agentes simples.

Estas entidades seriam denominadas de *sistemas intencionais* e as ações (pseudo ou genuínas) dessas entidades, quando se tornam visíveis, de *postura intencional*.

A postura intencional seria a estratégia de interpretar o comportamento de uma entidade (pessoa, animal, artefato, etc.) tratando-a *como se* fosse um agente racional que governa suas *escolhas de ação* por uma *consideração* de suas *crenças* e *desejos*. A postura intencional seria a *atitude* ou *perspectiva* que seria adotada uns em relação aos outros. Adotar uma postura intencional em relação a outra entidade seria como antropomorfizar essa entidade. Deve-se tratar a entidade exatamente como se fosse humano, o que, obviamente, não o é.

Seria um *método* para descobrir as similaridades e as diferenças entre as mentes humanas e não-humanas. A estratégia básica é “*tratar a entidade em questão como um agente, para prever suas ações ou movimento*”. As características mais representativas da postura intencional aflorariam quando contrastada com outras duas estratégias mais básicas de predição: a *postura física* (baseada em leis físicas) e a *postura de planejamento lógico do tipo se p, então q*.

Assim, sistemas intencionais seriam, por definição, “*todas e apenas aquelas entidades cujo comportamento é predizível/explicáveis a partir de uma postura intencional. Macromoléculas auto-replicantes, termostatos, amebas, plantas, ratos, morcegos, pessoas, computadores que jogam xadrez são todos sistemas intencionais*”.

A postura intencional funcionaria independentemente dos objetivos *atribuídos* serem genuínos ou naturais, ou *apreciados* pelo agente. Então, pode-se inferir que um organismo seria sempre um sistema intencional predizível.

Para prever a ação de um sistema intencional, seria necessário saber que coisas as crenças e os desejos do agente são e como essas crenças e desejos se relacionam com essas coisas. Assim, poder-se-ia dizer se as conexões cruciais foram, ou serão percebidas. Tem de se saber, “*pelo menos aproximadamente*”, como o agente escolhe os objetos de interesse.

Baseado na percepção da situação e em seus objetivos ou necessidades é que seriam atribuídas as crenças e os desejos particulares ao agente. Estes sistemas intencionais seriam a *intencionalidade*.

Segundo alguns filósofos, na linha de John Searle (1980), a intencionalidade apresentar-se-ia duas formas: intrínseca (crenças, desejos, intenções, etc.) e derivada (palavras, frases, livros, mapas, programa de computador, etc.).

Para Dennett a solução do problema da intencionalidade seria de forma direta. Os artefatos representacionais (como descrição escritas e esboços) efetivamente possuiriam intencionalidade derivada em função do papel desempenhado nas atividades de seus criadores. Por exemplo, uma lista de compras escrita, possui apenas a intencionalidade derivada que obtém das intenções do agente que a escreveu. Da mesma forma que a lista de compras mantida pelo agente em sua memória. Assim, pelas mesmas razões, a intencionalidade do agente seria tão derivada quanto a lista externa.

Poder-se-ia imaginar um artefato (robô) que possuísse a capacidade de aprender com a experiência e a partir daí tomar novas decisões, assim, mostrar-se-ia que a intencionalidade derivada pode ser derivada da intencionalidade derivada.

Os humanos estariam nessa categoria e vivem suas vidas pela ótica da intencionalidade derivada. Pois, qualquer benefício que a intencionalidade intrínseca poderia ter fornecido aos humanos, também poderia ter sido legado aos humanos enquanto artefatos projetados pela evolução.

Dessa forma Dennett rejeita a intencionalidade intrínseca, pois segundo ele, os humanos seriam descendentes de robôs e compostos por robôs, sendo que toda a intencionalidade que os humanos desfrutam seria "*derivada da intencionalidade mais fundamental desses bilhões de sistemas intencionais grosseiros*".

3. O CORPO E SUAS MENTES

As mudanças evolutivas ocorrem tão lentamente que parecem invisíveis para as taxas normais (humanas) de coleta de informação. Por isso, facilmente, não se perceberia a sua ação intencional facilmente, ou poder-se-ia descartá-la como simples esquisitice ou metáfora. Dennett denomina esse preconceito em favor do ritmo normal (humano) de coleta de informação: *Chauvinismo de escala temporal*.

Para se perceber as coisas como possuidoras de mente, elas deveriam acontecer no ritmo normal e quando isto acontece, parece que a percepção seria indubitável. Mas, se houver mentes que conduzam suas atividades em ordens de magnitude mais rápida do que

as mentes de ritmo normal, os humanos iriam parecer quase tão estúpidos como as árvores e os possuidores dessas mentes estariam inclinados a escarnecer da hipótese de que os humanos teriam mentes.

O material que compõe uma mente teria importância em função das exigências de velocidade de operação, que forçam o cérebro a utilizar meios de transmissão de informação que possam sustentar essas velocidades. Os cérebros úteis operariam com velocidades mínimas bem definidas.

As sensibilidades de ritmo lento, como a sensibilidade artificial dos termostatos e computadores, parecem ser simples imitações do fenômeno que realmente faz a diferença: a *senciência*. Talvez pudesse se distinguir os “simples sistemas intencionais” das “mentes genuínas” indagando se os candidatos em questão possuem *senciência*. *Senciência* seria o termo padrão para indicar o que se imagina ser o grau mínimo de consciência. A sensibilidade não envolveria a consciência, visto que os termostatos são sensíveis a mudanças de temperaturas, porém, não teriam consciência.

A *senciência* exigiria, além da sensibilidade, um fator adicional ainda não identificado, o fator *x*. Os materiais envolvidos e os meios nos quais a informação se propaga e é transformada, seria o lugar a ser examinado para descobrir a diferença chave entre sensibilidade e *senciência*; para descobrir o que separa o homem, consciente, das macromoléculas simplesmente sensitivas, inscientes, das quais, o mesmo homem descende.

As plantas são seres vivos que não possuem cérebros. Suas estratégias minimalistas seriam plenamente *“satisfeitas por uma ‘tomada de decisão’ altamente distribuída e modestamente coordenada pela troca lenta e rudimentar de informação por meio de sua difusão nos fluidos que percorrem o corpo da planta”*.

Assim, as plantas poderiam ser apenas *“animais muito lentos”*, que possuiriam *senciência* não percebida dado ao chauvinismo de escala temporal humana. A *senciência* poderia ser vista como a sua capacidade de resposta lenta, mas confiável em relação aos seus ambientes. Pois, os animais também possuem sistemas de manutenção corporal lentos, semelhantes aos das plantas.

A hipótese funcionalista, que é compartilhada por muitas teorias modernas da mente, prega que o que torna alguma coisa uma mente (crença, dor, temor, etc.) é o que ela *pode fazer*, independente do material que a constitui. Por exemplo, *“o coração é algo que serve para bombear sangue, e um coração artificial ou um coração de porco pode muito bem realizar a tarefa e, portanto, podem ser substitutos para um coração doente no corpo humano”*.

A função das mentes seria a de *processar informações*. Assim, as mentes seriam sistemas de controle dos corpos e que para executar suas tarefas precisam coletar, discriminar, armazenar, transformar e processar informações. Se essa definição estiver correta, então, haveria a possibilidade de se produzir mentes ou partes delas, com materiais alternativos que possuam essas propriedades.

Poder-se-ia analisar um sistema nervoso como uma rede de informação que conectam milhares de transdutores (*entradas*) e efetadores (*saídas*) às realidades do corpo. “*Um transdutor seria um dispositivo qualquer que capta a informação em um meio (uma mudança na concentração de oxigênio no sangue, uma diminuição da intensidade de luz ambiente, um aumento de temperatura) e o traduz para outro meio*”.

Os transdutores externos (*entradas*) de um computador (teclado, “mouse”, microfone, câmara de televisão), transduzem informação para o meio (comum) eletrônico no qual os “bits” são processados e armazenados. Um computador também possuiriam transdutores internos, por exemplo, transdutores de temperatura interna, de descontrole de energia, etc.

Essa teoria conduziria, muitas vezes, a confusões sérias. A mais comum das confusões seria, a do *Mito da Transdução Dupla*. A transdução seria feita em duas etapas: (1) o sistema nervoso transduz luz, som, temperatura, etc. em sinais neurais e (2) em algum lugar central particular, ele transduziria estas ondas de impulso para *outro* meio (misterioso) não físico da mente. Esta seria uma visão cartesiana, na qual, a glândula pineal, segundo Descartes, bem no centro do cérebro, seria o lugar onde esta segunda transdução aconteceria.

Parece que a dificuldade de aceitação, de que simples impulsos nervosos poderiam ser a substância da consciência, seria a causa dessa necessidade de que eles, de alguma forma, sejam transduzidos para uma coisa misteriosa.

A hipótese defendida por Dennett seria de que a rede *em si mesma*, dado a sua estrutura intrincada e complexa, teria poderes de transformar e de controlar o corpo, assumindo o papel de Chefão interno que abrigaria a consciência. “*Aqui é onde as próprias complicações que arruínam a história do sistema nervoso como um sistema puro de processamento de informação pode ser chamado para auxiliar nossas imaginações, distribuindo uma porção da vasta tarefa de ‘consideração’ de volta para o corpo*”.

As informações, no sistema nervoso, seriam transferidas por impulsos eletroquímicos que percorrem os neurônios. Uma fibra nervosa seria como uma bateria alongada, na qual as diferenças químicas entre o interior e o exterior da parede da célula nervosa criam um DDP (diferencial de potencial) que induzem atividades elétricas, as quais se propagariam em

velocidades variadas, porém “[...] *mais depressa do que um grupo de moléculas poderia transportar através de um fluido, mas muito mais devagar do que a velocidade da luz*”.

As células nervosas (neurônios) são unidas por junções chamadas sinapses, nas quais ocorre uma interação microefetuador/microtransdutor na qual, “*o pulso elétrico provoca a liberação de moléculas neurotransmissoras, as quais atravessam a lacuna por meio da difusão à moda antiga (lacuna é muito estreita) e são então transduzidas em impulsos elétricos posteriores*”. Assim, o sistema nervoso parece operar com dois tipos de sinais: sinais digitais (pulso elétrico) e sinais analógicos (moléculas).

Nos materiais particulares que constitui a mente já estaria contido muito do processamento de informação. Assim, os materiais que constitui uma mente ganharia certa relevância. Haveria duas razões básicas para isto: “*A velocidade e ubiquidade dos transdutores e efetadores por todo o sistema nervoso*”.

Esta relevância aparente reforçaria as críticas ao funcionalismo: “*de que na verdade faz diferença com que materiais se fabricam uma mente*”. Porém, Dennett pondera que se poderia “*fabricar uma mente senciente com ‘chips’ de silício, ou fios e vidro, ou latas de cerveja unidas por um cordão*”. Pois, a *única razão* pela qual as mentes dependeriam da composição química dos seus meios ou mecanismos seria que, para fazer as coisas que devem fazer, elas precisam ser feitas de substâncias compatíveis com os corpos preexistentes que controlam. “*Somente quando suas capacidades de funcionar como componentes de sistemas funcionais maiores dependem de suas composições internas é que suas pretensas ‘natureza intrínsecas’ se tornam importantes*”.

O sistema nervoso humano não seria um sistema de controle neutro em relação ao seu ambiente, isto forçaria especular a respeito das funções de suas partes de uma maneira mais realista. Da mesma forma que se faz transplante de coração, poder-se-ia, no futuro, se fazer transplante de cérebro, e assim, numa visão cartesiana, o doador iria junto com o cérebro. Para Dennett, isso não funcionaria de forma tão simplista assim, pois, as informações estariam no corpo todo e não apenas no sistema nervoso. “*Ninguém pode me separar de meu corpo deixando apenas uma marca bem-feita, como os filósofos muitas vezes supuseram. Meu corpo contém tanto de mim - os valores e talento, memórias e disposições de espírito que fazem de mim o que eu sou - como o meu sistema nervoso*”.

Assim, poder-se-ia viajar por teletransporte, por exemplo, desde que toda a informação fosse perfeitamente preservada, pois, a sabedoria e as informações estariam corporificada no corpo todo.

Os sistemas corporais antigos funcionariam como uma espécie de caixa de ressonância, ou audiência reativa, ou crítica, “*o sistema nervoso central pode ser dirigido - algumas vezes empurrado, algumas vezes convencido - na direção de políticas mais sábias. Na verdade, submeter-se ao voto do corpo*”.

Existe uma forte tendência em tratar a mente (cérebro) como o comandante do corpo, o piloto do navio. Porém, o cérebro seria (e, portanto, a mente) um órgão como outro qualquer, só que com uma complexidade maior, “*cujas funções não podem ser apropriadamente entendidas até que, de algum modo, o vejamos não como o Chefão mas sim como um serviçal, trabalhando para implementar os interesses do corpo que o abriga e o alimenta e dá significado às suas atividades*”.

4. COMO A INTENCIONALIDADE ENTROU EM CENA

Dennett procura traçar um modelo de evolução do tipo simples de aprendizado baseado no Associacionismo (Hume), Behaviorismo (Skinner), Conexionismo (Hebb) o qual ele denomina *modelo de aprendizado ABC*.

Parece não haver dúvida de que a maioria dos animais seria capaz de aprendizado ABC. Pois, eles poderiam modificar ou planejar seu comportamento nas direções apropriadas como resultado de um processo longo e constante de treinamento ou modelamento pelo meio ambiente.

Na preservação da vida (reconhecimento, discriminação, generalização, locomoção, etc.), as redes ABC seriam “*eficientes, compactas, robustas no desempenho, tolerantes com as falhas e relativamente fáceis de projetar no caminho*”.

Dennett propõe uma estrutura na qual se colocaria as várias opções de projeto para os cérebros, e assim procurar descobrir onde seu poder se origina. Ele denominou esta estrutura de “*Torre de Gerar e Testar*”.

Essa de Torre de Gerar e Testar está composta por quatro andares que marcam os avanços importantes no poder cognitivo dos agentes.

No primeiro andar da torre estariam as criaturas *darwinianas*, frutos da evolução das espécies por seleção natural. Uma grande variedade de organismos candidatos foi gerados às cegas, por processos mais ou menos arbitrários de recombinação e mutação genética. Estes organismos foram testados na prática e apenas os melhores projetos sobreviveram.

No segundo andar estariam as *criaturas skinnerianas*, as quais possuiriam um conhecimento operante. No decorrer da evolução teriam aflorados alguns projetos com propriedade de *plasticidade fenótica*. Os organismos ainda não estavam inteiramente

projetados ao nascer; existiam elementos de seu projeto que poderiam ser “ajustados pelos eventos que ocorriam durante os testes práticos”.

O terceiro andar seria composto pelas *criaturas popperianas*. Que, ao contrário das criaturas skinnianas, as quais, muitas sobreviveram apenas porque executaram os primeiros movimentos com sorte. Já, as criaturas popperianas seriam suficientemente *espertas* para executar primeiro movimentos que seriam melhores do que os movimentos ao acaso e por isso sobreviveram.

O quarto andar seria composto pelas *criaturas gregorianas*. Richard Gregory observa que um par de tesouras, enquanto artefato bem projetado, não seria apenas um resultado da inteligência, mas também um dotador de inteligência (inteligência potencial externa): “quando se entrega a alguém um par de tesouras, aumenta-se o potencial deste alguém de chegar mais segura e rapidamente aos Movimentos Espertos”.

Assim, quanto melhor for o projeto da ferramenta (quanto mais informação estiver embutida na sua fabricação), maior seria o potencial de inteligência que ela confere ao seu usuário. Entre as ferramentas importantes, estariam as ferramentas mentais: as *palavras*.

As mentes das criaturas não-humanas, estariam voltadas somente para atender suas necessidades básicas de sobrevivência como, capturar e comer, esconder e fugir, reunir-se em bando e espalhar-se, e tudo isto parece estar nos limites da competência de mecanismos não pensados. Mas, possivelmente, existiriam comportamentos inteligentes que estariam precedidos e controlados por pensamentos inteligentes.

O ser humano usa a autoconsciência como uma fonte de hipóteses sobre outras consciências, ou talvez, porque adquiriu o hábito de adotar a postura intencional em relação aos outros. Este hábito poderia disseminar-se para abranger a auto-interpretação e a interpretação de outros.

5. A CRIAÇÃO DO PENSAMENTO

O passo importante para tornar-se humano seria ascender de um sistema intencional de *primeira ordem* para um sistema intencional de *segunda ordem*. Um sistema intencional de primeira ordem teria crenças e desejos sobre muitas coisas, mas *não* sobre as crenças e os desejos. Um sistema intencional de segunda ordem teria crenças e desejos sobre crenças e desejos (próprias ou de outros). Um sistema intencional de terceira ordem seria capaz de efeitos como *querer* que se *acreditasse* que ele *quer* algo. Um sistema intencional de quarta ordem pode *acreditar* que se *queria* que ele *acreditasse* que se *acreditasse* em algo. Mas o grande passo estaria na ascensão da primeira para a segunda ordem.

A intencionalidade de ordem superior seria um avanço importante nos tipos de mentes, mas isso não deixaria claro que seria o divisor de águas que se busca entre o pensamento e a inteligência destituída de pensamento.

Poder-se-ia citar variedades de comportamento de presa-predador, por exemplo, todas com motivações elaboradas, porém, pouca ou nenhuma evidência de que os animais realmente representam essas motivações para si de alguma maneira. Se essas criaturas devem ser consideradas “psicólogos naturais” (Humphrey), elas seriam aparentemente psicólogos naturais destituídos de pensamento.

As motivações de flutuação livre (exibições para afastar o predador do ninho, p.ex.) que explicariam a intencionalidade de ordem superior rudimentar de pássaros e lebres e até chimpanzés, seriam levadas em conta nos projetos de seus sistemas nervosos, mas o que se procura seriam as motivações que são *representadas* nesses sistemas nervosos.

O cérebro humano é pouco maior do que o cérebro de um chimpanzé, mas o tamanho, provavelmente, não seria a fonte da inteligência humana. Dennett sugere que a fonte primária seria o hábito humano de descarregar o máximo as tarefas cognitivas para o seu próprio ambiente. O ser humano ao projetar suas mentes para o mundo que o cerca, constrói uma grande variedade de dispositivos periféricos que poderia armazenar, processar e re-representar seus significados, aperfeiçoar, reforçar e proteger os processos de transformação, que seriam *o pensamento*.

O ato de marcar o ambiente permitiria que o mundo externo armazenasse informações que seriam facilmente traduzidas a respeito da localização de pontos de encontro importantes na natureza, assim poderia economizar seu cérebro limitado para outras coisas.

As marcas deliberadas, no mundo, seriam os precursores mais primitivos da escrita, um passo na direção da criação do mundo externo dos dedicados sistemas periféricos de armazenamento de informação. Esta inovação não dependeria da existência de uma linguagem sistemática em que tais rótulos são compostos. Qualquer sistema serviria desde que possa ser lembrado ao ser utilizado.

Os seres humanos, criaturas gregorianas, seriam os herdeiros de milhares de tecnologias úteis, inventadas por seus ancestrais, as quais teriam sido transmitidas, não pela herança genética, mas sim, pela *cultura*.

As técnicas de re-representação seria um hábito puramente humano e os humanos que as teriam desenvolvidas deliberadamente para mapear novos problemas para a “velha maquinaria” de resolver problemas.

As palavras - primeira falada, depois escrita - seriam as mais importantes das ferramentas mentais adquiridas no curso do processo do desenvolvimento cultural humano.

“Não há passo mais elator, mais explosivo, mais importante na história do planejamento da mente do que a invenção da linguagem”.

O processo de aprendizagem da fala da criança inicialmente seria pelo hábito de *“autocomentário semi-entendido”*, ou seja, por uma situação-tipo - fogão-aproximação-e-avoidance - e a repetição para si mesma em voz alta, por exemplo: “quente”, “não toque!”.

Dennett sugere que a medida que a criança vai aperfeiçoando a sua fala, ela poderia *“abandonar vocalizações em voz alta e criar neologismos particulares, não vocalizados, como etiquetas de características de sua própria atividade”*.

As palavras articuladas e ouvidas seriam os protótipos ou ancestrais de *conceitos*. Um conceito seria uma etiqueta interna que pode ou não incluir entre as suas muitas associações as características auditivas e articulatórias de uma palavra (pública ou privada). Os primeiros conceitos que a criança manipularia seriam conceitos *vocalizados*.

Parece não existir nenhuma evidência, até agora, que mostra que qualquer outro animal seria capaz de algo parecido com isto.

6. NOSSAS MENTES E OUTRAS MENTES

Uma mente parece se tornar menos miraculosa quando se tem ideia de seus componentes, de como eles foram fabricados e quando se percebe como se pode montá-la a partir de suas partes e como essa mente ainda seria dependente dessas partes.

Com a evolução algumas criaturas teriam começado a descarregar seus problemas no mundo e também, em outras partes de seus cérebros. Teriam começado a fazer e a utilizar representações, mas não sabiam que estavam procedendo assim. Este seria um tipo de comportamento inteligente, mas irrefletido, porque não era reflexivo, mas porque também não poderia ser algo sobre o que refletir.

Os humanos teriam aperfeiçoado os seus cérebros quando aprenderam uma linguagem que lhe permitiu revisar, lembrar, ensaiar, reprojeter as atividades, transformando os cérebros em uma espécie de *câmara de ecos*. Os ecos que persistem por mais tempo, adquirindo influência à medida que *“subsistem, seriam os pensamentos conscientes”*.

Assim, os conteúdos mentais tornar-se-iam conscientes vencendo as competições com outros conteúdos mentais pela dominação do controle do comportamento, obteria assim, efeitos duradouros

Parece que as outras mentes seriam realmente diferentes das mentes humanas. Pois uma mente humana poderia imaginar, com detalhe, um homem subindo por uma corda com

as mãos enquanto mantém um balde de plástico vermelho preso entre os dentes. Para Dennett, um chimpanzé seria incapaz de realizar essa mesma tarefa mental, apesar do chimpanzé ter um *conceito* de homem, corda, balde (*mas, presumivelmente, não teria conceitos de lagosta, de um poema humorístico, ou de um advogado*). A dificuldade estaria em saber o que um chimpanzé poderia fazer com os seus conceitos.

Um chimpanzé seria incapaz de trazer à memória os elementos de uma solução quando esses elementos *não* estão presentes para supri-lo com lembretes visíveis de si mesmos. Pois, isso estaria além dos limites de seus recursos de mobilidade ou manipulação. Esta afirmação da incapacidade de realização de mesma tarefa mental do humano pelo chimpanzé parece um tanto prematura, visto que os seres humanos que seriam “mais evoluídos” não conseguem falar a língua dos chimpanzés. Portanto, isso incapacitaria aqueles de saber os conteúdos mentais destes.

Um cão, por exemplo, não teria um conceito de gato porque não pode considerar seu próprio conceito por não possuir uma linguagem. Conceitos seriam coisas do mundo dos humanos porque possuem uma linguagem.

Falar, efetivamente, ele não fala (a língua humana), mas, pensa! Para Dennett, o maior obstáculo nas tentativas de esclarecer as competências mentais dos animais não-humanos talvez seja o irresistível hábito humano de imaginar que eles acompanham suas atividades inteligentes com uma torrente de consciência reflexiva, parecida com a consciência humana. Pois, os animais não-humanos poderiam realizar “*seus feitos astuciosos sem que estes ‘sejam’ qualquer coisa para eles*”.

O que se busca saber seria se as *competências* mentais de quaisquer outras espécies dependem de terem vidas mentais da maneira como os humanos as têm.

Ao se especular sobre tipos de mentes e protomentes parece não haver um limiar claro ou massa crítica. Parece que só a mente humana seria de uma variedade única e de magnitude mais poderosa do qualquer outra variedade de mente.

Porém, pode-se levantar a questão de a capacidade de sofrimento conta mais do que a capacidade de raciocínio abstruso e sofisticado sobre o futuro. Portanto, deve-se pesquisar a relação (se é que existe) entre dor, sofrimento e consciência.

A dor seria um fenômeno não homogêneo, nem simples. Para que estados de dor tenham importância deve haver um sujeito especial para quem eles têm importância, pois seria uma fonte de sofrimento.

Para se analisar o sofrimento, poder-se-ia tomar como exemplo as crianças muito novas que, quando maltratadas, utilizam um estratagema eficiente: Elas se dissociam e “*se desligam*”. De alguma forma declarariam para si mesmas que não são elas que estão

sofrendo. Parece haver dois tipos de dissociação: Crianças que simplesmente rejeitam a dor como suas e aquelas que se dividem, pelo menos momentaneamente, semelhante a personalidades duplas. A hipótese de Dennett para estes dois tipos de dissociados iria de encontro à tradição filosófica que afirma que: *Toda a experiência deve ser a experiência de algum sujeito*. Mas, ele argumenta que “as crianças que **rejeitam** o princípio não veem nada de errado em simplesmente rejeitar a dor, deixando-a destituída de sujeito, vagando sem rumo sem machucar ninguém em particular. Aquelas que **adotam** esse princípio devem inventar um outro para ser o sujeito (qualquer um menos eu!)”

Uma criança dissociada sofreria menos do que uma criança não-dissociada. Também parece existir criaturas que seriam naturalmente dissociadas e que nunca atingem, ou tentam atingir, o tipo de organização interna complexa que é padrão em uma criança normal e é rompida na criança dissociada. Uma criatura assim seria constitucionalmente incapaz de passar pelo *tipo* ou *quantidade* de sofrimento de um ser humano. Poder-se-ia cogitar que, possivelmente, todas as espécies não-humanas encontrar-se-iam neste patamar relativamente desorganizado. Dennett sustenta esta hipótese “de que animais não-humanos podem de fato sentir dor mas não podem sofrer da maneira como podemos”.

Para Dennett somente os cães entre as espécies domesticadas, responderiam solidamente ao enorme volume de comportamento “humanizante” dirigido a eles por seus donos. Ao tratá-los como humanos, eles teriam se tornados mais humanos do que os demais animais. Ele sugere que a capacidade de socialização dos humanos exerceria, sobre os cães, efeito organizador da mesma forma que exerce sobre crianças humanas.

Se a consciência humana for uma arquitetura virtual do cérebro humano, então, poder-se-ia inferir que apenas os animais que fossem capazes de algo parecido com esta forma de consciência seriam os que poderiam também sofrer a imposição, *pela cultura*, dessa máquina virtual. Assim, somente os cães seriam os animais não-humanos que estariam em melhores condições de satisfazer esta condição.

Na análise da dor pode-se tomar como exemplo, o pisar no pé de alguém, provocando uma dor breve, mas, consciente. A ideia de que esse alguém “sofre” durante alguns segundos seria uma aplicação errônea desta noção importante. Essa dor, em si, teria significado moral desprezível.

Assim, poder-se-ia supor (1) que o sofrimento e a dor são a mesma coisa em escalas diferentes; (2) que toda dor é “dor experimentada”; e (3) que a “quantidade de sofrimento” deve ser calculada (em princípio) simplesmente adicionando-se todas as dores (o horror de cada uma delas sendo determinado pela intensidade medida em tempo de duração). Para

Dennett, estas hipóteses, “*examinadas desapassionadamente à luz fria da razão, seriam absurdas*”.

Não se poderia separar a dor e o sofrimento dos seus contextos. Por exemplo, o que é terrível a respeito de perder um emprego, ou uma perna, ou a reputação, ou um ente querido não seria o sofrimento que este evento *provoca*, mas o sofrimento que o evento *é*. Assim, para se descobrir e amenizar exemplos não reconhecidos de sofrimentos necessitaria estudar as vidas das criaturas, não os seus cérebros. O que acontece em seus cérebros seria certamente uma fonte rica de evidências sobre o que elas estão fazendo e como o fazem. Mas, o que elas estão fazendo seria tão visível quanto às atividades das plantas, das montanhas, ou de motores de combustão interna. O sofrimento seria demasiadamente familiar e se poderia reconhecê-lo sem dificuldades nas vidas observadas, pois, “*seguramente não há nenhum sofrimento invisível em algum lugar em seus cérebros*”.

CONCLUSÃO

Dennett parece inclinar-se para um pampsiquismo e um antropocentrismo. Parece que todos os seres teriam uma espécie de mente, porém, seria uma mente não reflexiva. E, cartesianamente, só a espécie humana seria capaz de sentir dor e sofrer.

Se for correto que a mente humana evoluiu a partir de seres como mentes mais simples, que evoluíram a partir de seres com mentes ainda mais simples, então seria justo sugerir que seres menos evoluídos possuam alguma espécie de mente, obviamente, não no mesmo grau de complexidade da humana.

Para Dennett a linguagem seria o grande divisor entre os tipos de mentes com linguagem e sem linguagem e parece *que classificar as duas como mentes seja um erro*. Porém, parece que cada espécie possui algum tipo de linguagem ou forma de comunicação. Ficaria na capacidade dos humanos, espécie mais evoluída, em conseguir aprender essas linguagens.

Na hipótese da senciência, pode-se levantar, por exemplo, que ao se observar um animalzinho doméstico ou um bebê tremer de medo à beira de um aparente precipício, apesar de os sentidos poderem nos enganar, seria difícil não considerar que se está observando um ser senciente.

Poder-se-ia sugerir que a senciência apareceria em graus variados de intensidade, desde as criaturas mais simples até o mais sensível e hiper-reativa: O ser humano.

No caso da postura intencional, Dennett reforça seu aristotelismo ao afirma que *buscar o bem é uma característica fundamental de qualquer agente racional* (Ética a

Nicômaco, IV, 1113b). Assim, a postura intencional funcionaria independentemente dos objetivos *atribuídos* serem genuínos ou naturais, ou *apreciados* pelo agente. Então, pode-se inferir que um organismo seria sempre um sistema intencional predizível.

A pergunta que fica é: Os transplantes de coração, rins e córneas já é uma realidade. Então, por que, no futuro, não se poderia fazer transplante de cérebro? Seria só porque o corpo conteria tanta informação quanto o sistema nervoso ou seria por problemas éticos e morais?

Assim, quando se faz transplante de coração, parte das informações do doador seria recebida pelo receptor e o receptor perderia parte de suas informações, já que perdeu o seu coração. Talvez esteja aí a chave do processo de rejeição. O cérebro rejeita o coração como não sendo o seu e o transplantado tem de tomar remédios contra a rejeição o resto da vida. No caso de transplante de cérebro, o cérebro rejeitaria o corpo todo como não sendo o seu.

O antropocentrismo cartesiano de Dennett se torna mais evidente quando sugere que os animais não-humanos seriam criaturas dissociadas, sustentando a hipótese “*de que animais não-humanos podem de fato sentir dor mas não podem sofrer da maneira como podemos*”. Assim, essas criaturas seriam incapazes de passar pelo *tipo* ou *quantidade* de sofrimento de um ser humano. Como se o debater-se e o berrar dos animais fosse um estado de prazer.

Prof. Antonio Carlos da Silva